

A UTILIZAÇÃO DA LITERATURA ERÓTICA EM SALA DE AULA

Andrea Quaresma Gonçalves¹

Leno Serra Callins²

Rafaela Natasha Santos dos Santos³

Elissandro Lopes de Araújo⁴

RESUMO

O presente artigo científico teve por principal objetivo auferir a possibilidade de se utilizar a literatura erótica – frequentemente confundida com obscenidade e pornografia – em sala de aula e mais especificamente no Ensino Fundamental. Para tanto, fundamentou-se o trabalho em teóricos tais como os autores franceses Michel Foucault e Dominique Maingueneau, sobretudo no que tange ao entendimento de termos chaves como sexualidade, erotismo, obscenidade e pornografia. Para a conceituação de literatura, entendida aqui, principalmente, como discurso, embasou-se na contribuição de Domício Proença Filho, havendo ainda o reforço de Marisa Lajolo, de Eni P. Orlandi, de Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha e de Eduardo Alves Rodrigues. Por fim, como método de averiguação, elegeu-se a aplicação de um questionário objetivo aos estudantes de uma classe da sétima série do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de ensino e outra pertencente à rede pública, mais especificamente a Escola Estadual Deusolina Salles Farias.

Palavras-chave: Discurso. Ensino Fundamental. Erotismo. Literatura erótica.

THE UTILIZATION OF EROTIC LITERATURE IN CLASSROOM

ABSTRACT

This present paper aimed to discover the possibility of utilization of the erotic literature – often confused with obscenity and pornography - in classroom and more specifically in the

¹ Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pelo IESAP. E-mail: andrea.quaresma@hotmail.com

² Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pelo IESAP e Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pelo IESAP. E-mail: yorktyre@gmail.com

³ Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respectivas Literaturas pelo IESAP. E-mail: rafaela.natasha@hotmail.com

⁴ Professor orientador, Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA e Mestre em Linguística e Estudos Literários pela UFPA e pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: nominedomine@hotmail.com

Primary. For this, it's founded the work in theorists as the French authors Michel Foucault and Dominique Maingueneau, especially about the understanding of keywords as sexuality, erotism, obscenity and pornography. To literature's concept, especially as discuss, it's founded in the Domicio Proença Filho's contributions, with the reinforcement of Marisa Lajoso, Eni P. Orlandi, Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha and Eduardo Alves Rodrigues. The discover method elected was the application of an objective questionnaire at the students of a class of seventh grade of the Primary of a school of the private system of teaching and other of the public system, more specifically the State School Deusolina Salles Farias.

Keywords: Discuss. Primary. Erotism. Erotic Literature.

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é demonstrar que há a possibilidade de utilizar a literatura erótica com turmas dos últimos anos do Ensino Fundamental II e que tal utilização se reflete de maneira muito positiva nos alunos, fomentando o seu interesse pela literatura, tanto no que diz respeito ao consumo quanto à produção, e proporcionando certo debate sobre a sexualidade, um tema transversal que os Parâmetros Curriculares Nacionais recomendam que seja trabalhado a partir dos seis anos de idade.

Não se pretende, entretanto, que esse debate seja feito de modo a instruí-los sobre esta ou aquela prática, mas sim no sentido de que os estudantes sejam confrontados com uma realidade e, a partir dessa confrontação, possam refletir acerca da sua própria realidade mediante processos de identificação, percebendo que eles próprios são passíveis de se verem em tal situação.

Considerando o quanto qualquer discussão em torno da sexualidade, sobretudo dos jovens, ainda pode ser tabu e que não é raro o emprego, por algumas pessoas, das palavras “erotismo”, “pornografia” e “obscenidade” ou “erótico”, “pornográfico” e “obsceno” como sinônimas, faz-se necessário um esclarecimento acerca de tais termos.

Assim, considerando a questão acima, nos preocupamos em validar nossas elucidações em pensadores do tema, mais especificamente o filósofo francês Michel Foucault, um dos maiores ícones no que tange à discussão em torno da sexualidade, devido ao seu (incompleto) trabalho intitulado *A História da Sexualidade*, e o também francês Dominique Maingueneau, o qual possui uma obra bastante atual acerca do tema, *O Discurso Pornográfico*, sendo outra grande referência, aquele será utilizado na discussão em torno da sexualidade, ao passo que a

elucidação dos termos anteriormente mencionados far-se-á mediante as contribuições deste último autor em conjunto às definições apresentadas pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

O muito debatido conceito de literatura, por sua vez, é aqui trabalhado segundo as palavras de Maria Lajolo, no livro *O que é literatura?*, de Domício Proença Filho, na obra *A linguagem literária*, de Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha e Eduardo Alves Rodrigues, no artigo *O discurso literário e suas questões: Guimarães Rosa interroga a arte ficcional*, e, por fim, de Eni R. Orlandi, *Análise de discurso*, adotando-se o entendimento de que literatura é arte e também discurso.

Quanto à utilização da literatura erótica em sala de aula, ao invés de simplesmente fazer uma intervenção expositiva ou similar sobre o tema para então avaliar a receptividade, optou-se por averiguar essa possibilidade de intervenção e a aceitabilidade de estudantes e seus professores quanto a isso. Para tanto, elegeu-se a aplicação de um questionário em duas turmas de sétima série do Ensino Fundamental de duas escolas distintas, uma pertencente à rede pública de ensino (Escola Estadual Deusolina Salles Farias) e a outra à rede particular, cujo nome não será citado pela ausência de uma autorização para tal.

1 CONCEITOS ESSENCIAIS

Antes de ser feita a descrição e a análise dos dados da pesquisa realizada, faz-se necessária a apresentação de algumas definições, a começar pela de sexo e de sexualidade.

1.1 SEXO E SEXUALIDADE

Se, por um lado, sexo é expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais), a sexualidade, entendida de forma bem mais ampla, é expressão cultural. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Isso se dá num processo social que passa pelos interesses dos agrupamentos socialmente organizados e das classes sociais, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado. (Parâmetros Curriculares Nacionais Orientação Sexual Terceiro e Quarto Ciclos. p.07)

A psicóloga clínica especialista em sexualidade e comunicação social Laura Muller, por sua vez, afirma que “a sexualidade é um conceito amplo e tem a ver com a maneira única

de ser de cada pessoa” (2013. p.10). Delimitando mais esse conceito, a sexualidade corresponderia a:

- O nosso jeito de ser homem e de ser mulher no mundo;
- O modo como cada pessoa se relaciona consigo, o que inclui seu corpo e também seu mundo interno, composto por seus valores, suas crenças, sua história de vida, suas emoções, seus sentimentos, seus pensamentos, suas sensações e suas intuições;
- A forma de cada pessoa se relacionar com o mundo ao seu redor, que é o cenário em que estamos inseridos, composto pelas pessoas que nos cercam e por todo o ambiente social, cultural, político, econômico, tecnológico e histórico em que vivemos. Sexualidade, portanto, vai bem além do que o ato sexual em si. (MULLER. 2013. p.10)

Enquanto o sexo teria outra correspondência:

- Contato físico ou virtual, composto por todo tipo de prática que pode despertar desejo, excitação, orgasmo e prazer;
- Algo que ocorre a partir da estimulação erótica desencadeada por meio dos nossos cinco sentidos (tato, olfato, visão, audição e paladar) e também da imaginação;
- Uma prática do mundo adulto, mas que em geral começa a ser experimentada na adolescência: no Brasil, segundo pesquisas do Ministério da Saúde e da Educação, a idade média de iniciação sexual é entre 15 e 17 anos de idade (meninos costumam se iniciar entre 15 e 16 anos; meninas entre 16 e 17 anos). (MULLER. 2013. p.11)

Muller (2013. p.11) ainda inclui no conceito de sexo o veto ao adulto da prática sexual (qualquer contato corporal ou dialógico – feito pessoalmente ou à distância – com o intuito de estimular o desejo e obter prazer) com crianças, pré-adolescentes e adolescentes.

A abordagem de Foucault, tanto no seu livro *Microfísica do Poder* (1979. p.148-9) quanto na sua (incompleta) série *A História da Sexualidade* (1976; 1984; 1984), não difere da conceituação de sexualidade apresentada por Muller e nem do que é apresentado nos PCN's, isto é, como um conjunto de regras estabelecido pela sociedade mediante instituições diversas e coordenado pelo Estado, sendo por ele apresentado, ainda, a falsa repressão sexual existente nos países ocidentais como forma de administração das relações sexuais, administração essa que é necessária para o desenvolvimento e enriquecimento do Estado.

1.2 EROTISMO, PORNOGRAFIA E OBSCENIDADE

Assim, feita a conceituação de sexo e de sexualidade, pode-se discriminar obscenidade, erotismo e pornografia, bem como relacionar tais termos à literatura, o que é importantíssimo por dever-se esclarecer que a utilização da literatura erótica nas séries finais

do Ensino Fundamental não é o mesmo que (um adulto) estabelecer diálogo com adolescente a fim de estimular o desejo e obter prazer – o que seria mesmo, de acordo com as leis de nosso país, um crime.

Quanto aos três anteriormente mencionados termos, o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa discrimina-os da seguinte forma:

Erotismo s.m. (1881 cf. ca¹) 1 estado de excitação sexual 2 tendência a experimentar a excitação sexual mais prontamente que a média das pessoas 3 tendência a se ocupar com ou de exaltar o sexo na literatura, arte ou doutrina 4 estado de paixão amorosa – ETIM erot(o)- + -ismo, por influência do francês érotisme (1794) ‘desejo amoroso’; cp. Eroticismo; ver erot(o)- – SIN/VAR eroticismo (HOUAISS. 2007, p.1190)

Obscenidade s.f. (1702 cf. NumVoc) 1 qualidade do que é obsceno 2 caráter do que, no domínio da sexualidade, fere o pudor 3 caráter do que, por sua inconveniência, não está de acordo com as regras do decoro; caráter do que é chocante <chega a ser uma o. toda essa ostentação em meio a tanta pobreza> 4 ato ou dito obsceno – ETIM lat. *obscenitas, ātis* ‘obscenidade, torpeza, impureza, impudicícia’, der. de *obscenus, a, um* – SIN/VAR ver sinonímia de *indecência e palavrão* – ANT ver antonímia de *indecência*. (HOUAISS. 2007, p.2043)

Pornografia s.f. (1899 cf. CF¹) 1 estudo da prostituição 2 coleção de pinturas ou gravuras obscenas 3 característica do que fere o pudor (numa publicação, num filme etc); obscenidade, indecência, licenciosidade 4 qualquer coisa feita com o intuito de ser pornográfico, de explorar o sexo tratado de maneira chula, como atrativo (p.ex., revistas, fotografias, filmes etc.) <vende pornografias> <fica vendo p. pela televisão> 5 (1899) violação ao pudor, ao recato, à reserva, socialmente exigidos em matéria sexual, indecência, libertinagem, imoralidade – ETIM porn(o)- + -grafia; f.hist. 1899 *pornographia* – SIN/VAR ver sinonímia de indecência – ANT ver antonímia de indecência (HOUAISS. 2007, p. 2264)

O Aurélio, por sua vez, informa que o termo erotismo seria oriundo da sufixação de erot(o)- por -ismo, sendo um substantivo masculino com dois significados. O primeiro, por uso, é o de “paixão amorosa”, enquanto o segundo equivale a “amor lúbrico” ou “lubricidade” (2004, p.781).

Quanto à obscenidade, define tal termo como sendo um substantivo feminino oriundo do latim *obscenitate* e que corresponde à “qualidade de obsceno”, bem como à “palavra, gesto, ato, imagem obscenos” (2004, p.1422).

Entretanto, a definição em questão não é muito elucidativa, sendo necessário o conhecimento da definição, de tal dicionário, do adjetivo “obsceno”, o qual é apresentado como sendo derivado do latim *obscenu*, os seus significados sendo “que fere o pudor; impuro, desonesto” e “diz-se de quem profere ou escreve obscenidades” (2004, p.1422).

Em contraponto às definições curtas e um tanto quanto empobrecidas para o erotismo e para a obscenidade, o Aurélio define a pornografia mais extensamente:

Pornografia. [Do gr. *Pornógráphos*, ‘autor de escritos pornográficos’, + -ia¹] S.f. 1. Tratado acerca da prostituição. 2. Figura(s), fotografia(s), filme(s), espetáculo(s), obra literária ou de arte, etc., relativos a, ou que tratam de coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo. 3. Devassidão, libidinagem. [Cf. *pornofonia*]. (AURÉLIO. 2004, p.1603)

Como é possível perceber, os significados apresentados pelos dois dicionários, quando não são idênticos (como no primeiro significado dado à pornografia), em muito se aproximam, havendo apenas uma diferença no que tange à diversidade de definições apresentadas (como no caso dos termos “erotismo” e “obscenidade”) e à extensão do texto conceituador.

Vale notar a constante menção à relação com as artes e com a literatura, por parte tanto do erotismo quanto da pornografia, tal associação sendo mais rara quanto à obscenidade, aparecendo apenas na definição do Dicionário Aurélio para “obscenidade” e “obsceno”. Em relação à pornografia, esta forma de representação das relações sexuais é, das três, a mais associada às imagens em geral (pinturas, gravuras, fotografias, filmes etc.), essa oscilação do segundo elemento de composição da palavra pornografia (isto é, “grafia”) entre a escrita e a pintura sendo perceptível desde a antiguidade (MAINGUENEAU, 2010, p.13).

Também cabe ressaltar que essas definições, sobretudo as do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, não estão tão distantes das de Maingueneau. Sobre o termo “pornografia”, o professor francês apresenta o seguinte:

[...] Ele é recente. Em francês, foi o escritor N. Restif de la Bretonne – por sinal, autor de textos pornográficos no sentido costumeiro do termo – que introduziu o termo “pornógrafo” em seu livro *Le pornographe ou la prostitution réformée* [“O pornográfico ou a prostituição reformada”, 1769], que trata do controle da prostituição pelo Estado. De fato, *porné*, em grego antigo, designa a prostituta. O derivado “pornografia” foi construído no início do século XIX. Progressivamente, a referência à prostituição desapareceu, e “pornografia” veio a designar qualquer representação de “coisas obscenas”. O próprio Restif inspirou-se no grego antigo, no qual o substantivo *pornographos* designava “um autor versando sobre a prostituição”, assim como a *pornographia* designava um gênero pictórico: a representação das prostitutas. [...] (MAINGUENEAU. 2010. p.13)

E informa, ainda, que:

Hoje, tanto quanto no século XIX, a “pornografia” é, ao mesmo tempo, uma categoria que permite classificar algumas produções semióticas (livros, filmes, imagens...) e um julgamento de valor que qualifica quem pode aparecer em

interações verbais espontâneas ou em textos provenientes de grupos mais ou menos organizados: uma associação de pais de alunos, uma comunidade religiosa, um grupo de militantes políticos, uma comissão de censura etc. A isso se acrescentam as condenações fundadas em considerações parafilosóficas ou filosóficas. (MAINGUENEAU. 2010. p.14)

Lembrando também que, apesar de o termo ser, dentro da academia, apenas mais uma categoria passível de análise (tal como “policial” ou “fantástica”), o estudioso não deve esquecer-se dos juízos de valor pejorativos atrelados a ele e tampouco que a literatura pornográfica está naturalmente destinada à proibição, pertencendo à paraliteratura (MAINGUENEAU. 2010, p.15).

Quanto à obscenidade, Maingueneau afirma que:

A obscenidade é uma maneira imemorial e universal de dizer a sexualidade. Sua finalidade não é, em primeiro lugar, a representação precisa de atividades sexuais, mas sua evocação transgressiva em situações bem particulares. Ela se baseia em um patrimônio partilhado pelos membros de uma mesma comunidade cultural. Suas práticas radicalmente conviviais, fundadas em uma convivência, enraízam-se na oralidade. É claro que nada impede que canções ou brincadeiras depravadas sejam acessoriamente compiladas em um livro, mas sua realidade comunicacional fundamental é a de um prazer partilhado por um grupo de pares. A oralidade obscena evoca outra oralidade, a do alimento e da bebida compartilhados. Desse modo, a obscenidade mantém uma estreita relação com a literatura carnavalesca, que sistematicamente lança mão da inversão de valores: o carnal no lugar do espiritual, o baixo no lugar do alto. Na festa dos desvairados, a parte de baixo da sociedade ocupa o trono, a “verdade” da Natureza contesta as hierarquias sociais, julgadas como artificiais. A situação de comunicação típica da interação obscena é, por exemplo, a refeição oferecida por Gervaise e Coupeau em *L'Assommoir* (“A taberna”) de Zola: vinho, comida, permitindo convivas pertencentes às classes populares contestarem verbalmente a hierarquia social e a religião. A obscenidade prosperou durante muito tempo não apenas nos meios populares, mas também nos grupos consolidados pelos valores masculinos: soldados, estudantes do terceiro grau, adolescentes no ensino médio... (MAINGUENEAU. 2010, p.25-6)

Ou seja, ela pertence à oralidade e tem caráter transgressivo, estando estreitamente vinculada à sexualidade masculina na medida em que corresponde à substituição de uma situação primitiva real que a vida em sociedade (teoricamente) não permite mais ao homem realizar por uma situação imaginária, isto é, a agressão sexual – quanto a isto, Maingueneau cita o destaque dado pelos trabalhos de Freud sobre o chiste tendencioso em “O chiste e sua relação com o inconsciente”.

Cabe aqui explicar, ainda, que, apesar de que a obscenidade procura provocar o riso (que é um prazer substituto do gozo), enquanto a pornografia procura causar a excitação sexual, elas estão intrinsecamente relacionadas, esta última tendo se desvinculado daquela graças aos avanços da tipografia, mas mantendo a mesma estrutura de papéis da história obscena que é avaliada pela análise freudiana, porém, com significativas diferenças, isto é: o

contador (escrevente invisível, sem rosto e sem relação imediata com o alocutário, sendo dotado de poderes criacionais que não limitam o repertório pornográfico à tradição oral compartilhada pela comunidade), o alocutário cúmplice (reduzido a leitor solitário que tem acesso ao mundo compartilhado pelo contador, mas não a ele) e a mulher agredida (MAINGUENEAU, 2010, p.29-30).

Por fim, quanto ao terceiro termo, o erotismo, Maingueneau não o aborda de maneira histórica e etimológica, tal como faz com o termo pornografia, mas procura estabelecer a necessária distinção entre ele e esta última valendo-se da natureza mutuamente opositora e complementar entre ambos, sendo essa relação de oposição e complementaridade explicada pelo autor francês mediante descrição e exemplificação.

Assim, fica esclarecido que a distinção de um para o outro se faz principalmente na forma como o ato sexual é descrito (de maneira chula na pornografia e de maneira poética no erotismo) e no objetivo da representação sexual, uma vez que a pornografia objetiva representar o ato sexual a fim de causar excitação sexual no leitor, enquanto o erotismo meramente faz uma representação estética da prática sexual, ela não sendo o seu foco.

E exatamente porque a representação, de forma excitante, do ato sexual não é o foco do erotismo, que ele se vale muito mais de metáforas, termos poéticos, ambiguidades e subentendidos e é o que se pode notar, a partir da explanação de Maingueneau, que o entendimento do que seja erotismo é significativamente distante dos conceitos apresentados pelos dois dicionários aqui utilizados, os quais, exceto por um (e mais especificamente o terceiro apresentado pelo Houaiss), se aproximam bem mais do entendimento que se tem da pornografia.

Entretanto, há dois dados que em muito ajudam na compreensão da diferença entre o erotismo e a pornografia: a) os significados das palavras e mesmo o entendimentos acerca das coisas muda com o tempo, de modo que o que foi considerado erótico ou pornográfico no passado hoje não o é; b) dicionarizada pela primeira vez em 1566, na França, a palavra erótica designava, então, “o que tiver relação com o amor ou proceder dele” (DEL PRIORE, 2011, p.15).

É importante informar que a época da mencionada dicionarização corresponde ao desabrochar do Renascimento na Europa e que, nela, certos motivos e aspectos de Eros, outrora divino, são retomados por poetas e pensadores, pois “moralistas e humanistas retornam à dualidade Amor sagrado-Amor profano, sendo assim que Antero, personificação na Antiguidade da reciprocidade do amor, converte-se num Anti-Eros, representação da pureza por oposição à sensualidade de Eros” (LÉVY, 2005, p.323).

Em outras palavras, sendo a pornografia mais recente que o erotismo, as noções em torno deste último ainda são correspondentes àquela, uma vez que, quando o erotismo surgiu, no mundo cristão, o fez de modo a servir de oposição ao “amor puro” ou “amor platônico”, o qual era livre de associações com a “carne”, possuindo fundo espiritual (e desprovido da homossexualidade exaltada por Platão).

Por fim, o que se percebe é que o erotismo acabou ocupando boa parte dos domínios possuídos pelo Anti-Eros (que, atualmente, parece encontrar-se limitado ao louvor/amor a Deus), enquanto o caráter pejorativo e proibitivo que possuía passou a ser exercido pela pornografia.

1.3 A LITERATURA

Conforme visto na introdução, é tarefa um tanto quanto trabalhosa definir erotismo, obscenidade e pornografia. Trabalhosa, porém, não impossível e assim também ocorre com a literatura.

Pode-se definir, sem muito sangue na arena, água, cordilheira, aparelho respiratório, coisas assim. Mas a poeira é muita quando se tenta definir literatura, liberdade, arte e congêneres. Aí as perguntas são muitas e as respostas poucas. Tem tanta gente pensando no assunto (aliás, sempre teve) e tantas e tão diferentes são as respostas sugeridas que não dá para eleger uma delas como verdadeira e jogar no lixo todas as outras. (LAJOLO. 1996, p.24)

Assim, entende-se que o termo literatura é capaz de assumir significados que variam de acordo com as intenções e necessidades do grupo que o utiliza. Um desses entendimentos – que não pode ser considerado como absoluto por não ser unânime – é o de que a literatura é arte. Quanto à arte:

[...] podemos pensar a arte, ao mesmo tempo, como forma e como gesto de interpretação. Ou seja, a arte pode ser compreendida, também, como representação de conhecimento(s), teorizações mais ou menos intuitivas, em que um dos objetivos é fazer expor e harmonizar aspectos talvez mais profundos, mais íntimos de uma realidade particular, fazer partilhar uma interpretação sensível – política e histórica – de algo da experiência de ser e estar no mundo e, nessa medida, dar a ver aspectos da relação indissociável constitutiva entre o interior e a exterioridade que impõe ao homem, sujeito em sua divisão político-simbólica, uma demanda permanente de interpretação: não há sentidos sem interpretação (ORLANDI, 2007). Com efeito, podemos dizer que a arte funciona socialmente como um dos modos de interpretar algo do real, portanto, um dos modos de constituição e conformação da realidade. (CUNHA; RODRIGUES. 2013, p.144)

E se ela, a arte, funciona socialmente como uma maneira de interpretação do real, servindo, assim, para que o indivíduo construa a realidade e se conforme com ela, não deixa de ser, também e simultaneamente, discurso (e não “um discurso”) na medida em que este “não é mera transmissão de informação, mas sim efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI. 2007, p.21) e que o receptor terá, através do contato com a obra de arte, sentidos produzidos, os quais construirão a sua realidade.

Deste modo e considerando que a literatura é uma arte e que a arte é discurso, a literatura também o é, “o discurso literário, em certa medida, trazendo em si a marca da opacidade, pois se abre a um tipo específico de decodificação ligado à capacidade e ao universo cultural do receptor” (PROENÇA FILHO. 2007, p.8).

2 INDO A CAMPO

Ao ir a campo, o grupo deparou-se com uma situação que era esperada: houve, por parte de uma das escolas-campo eleitas para a pesquisa, e mais especificamente por parte da escola pertencente à rede particular de ensino, uma recusa em se permitir a aplicação do questionário sobre o tema Literatura Erótica. Essa recusa, em verdade, se deu em duas partes: 1) a necessária burocracia em torno da aplicação do questionário, pois os professores de literatura deveriam ser consultados a respeito, assim como cada pai de aluno deveria ser informado e autorizar o ato; 2) o preconceito em torno dos termos “erotismo” e “erótico” mesclado ao temor de que um assunto relacionado aos mesmos poderia ser prejudicial a estudantes da sétima série do Ensino Fundamental, os componentes do corpo pedagógico da instituição particular que atenderam ao grupo indicando ainda que tal pesquisa seria melhor destinada ao Ensino Médio e que para o Ensino Fundamental o processo burocrático seria ainda maior e quase certamente infrutífero.

Entretanto, e felizmente, houve maior receptividade e aderência à proposta por parte da rede pública de ensino, sobretudo devido ao fato de a professora de Língua Portuguesa e Literatura que recepcionou o grupo ter afirmado que já trabalha temáticas transversais dentro do seu ensino nas turmas do Ensino Fundamental da Escola Estadual Deusolina Salles Farias, cabendo aqui ressaltar que o trabalho efetuado pela mesma se dá com fins de orientação.

Os 28 (vinte e oito) estudantes entrevistados na Escola Estadual Deusolina Salles Farias pertenciam à sétima série do Ensino Fundamental, classe 711, turno da manhã, o questionário em si consistindo na apresentação de dois textos da literatura erótica – sendo um o poema “Entranhas” da escritora amapaense Carla Nobre e o outro um conto com linguagem

adaptada (com a finalidade de facilitar o entendimento) do Marquês de Sade, “O Esposo Complacente” – seguidos de cinco questões objetivas.

2.1 ANÁLISE ISOLADA DOS DADOS NA ESCOLA MUNICIPAL DEUSOLINA

Nesta seção cada um dos resultados obtidos das perguntas objetivas será analisado isoladamente.

2.1.1 QUESTÃO UM

A primeira questão pedia que, após a leitura dos textos apresentados, os estudantes assinalassem a alternativa que mais estivesse próxima do entendimento deles acerca dos textos, ao que:

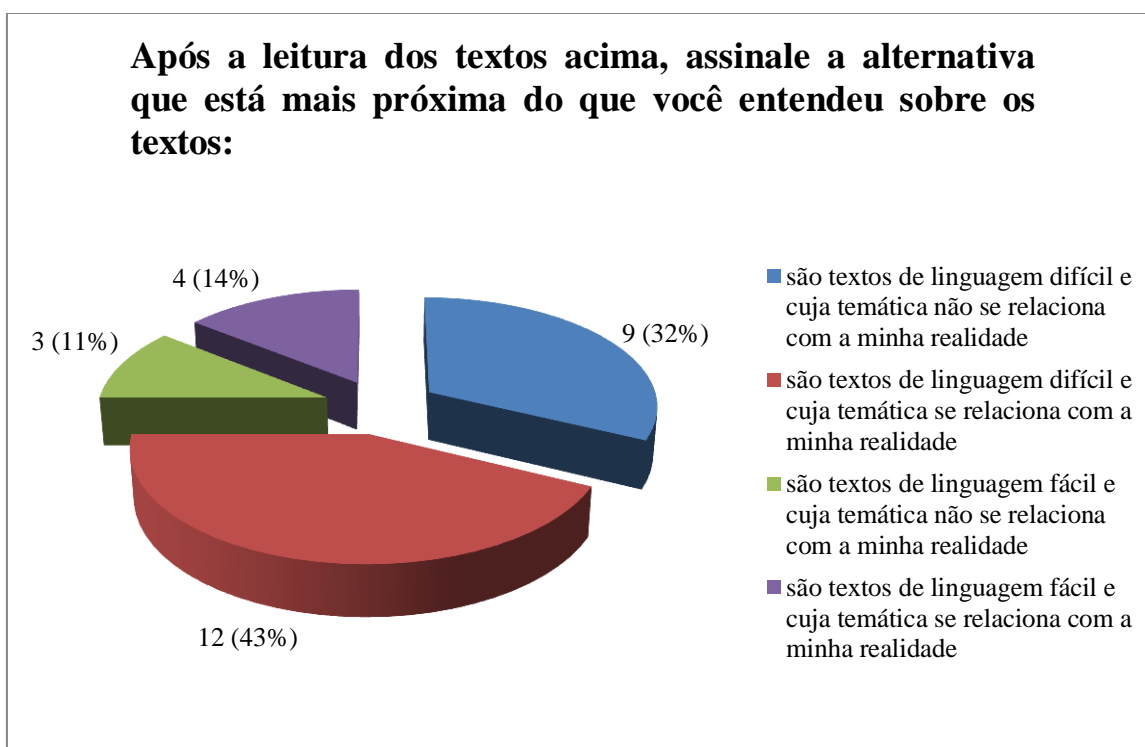


Gráfico 1 - Primeira pergunta do questionário feito aos estudantes da E.E. Deusolina.Salles Farias.

Pode-se constatar que a grande maioria (43%) encontrou dificuldade na linguagem dos textos, mas não em associar o teor dos mesmos à sua realidade, sendo seguida por aqueles que tiveram dificuldades tanto na leitura quanto na associação do teor dos textos à sua realidade (32%). Os que não sentiram dificuldades com a linguagem foram poucos, mais precisamente

1/3 ou 25% do total de estudantes, sendo pouca a diferença entre os que não associaram os textos consigo mesmos (11%) e os que o fizeram (14%).

Com isso e considerando que 57% dos estudantes associaram o teor dos textos à sua própria realidade, enquanto 43% não o fizeram, conclui-se que não haveria problema em se utilizar a literatura erótica em uma turma de sétima série do Ensino Fundamental da rede pública de ensino, uma vez que o assunto em questão faz parte de sua realidade. Entretanto, os textos a serem trabalhados teriam que contar com uma linguagem mais simples que a utilizada nos textos do questionário – a não ser que tal recurso também fosse utilizado para se trabalhar aquisição de vocabulário e a gramática.

2.1.2 QUESTÃO DOIS

Quanto à segunda questão, ela consistia em extrair dos estudantes o entendimento dos mesmos acerca do conceito de literatura, partindo da ideia de que já haviam estudado sobre e da temática dos textos apresentados no questionário.

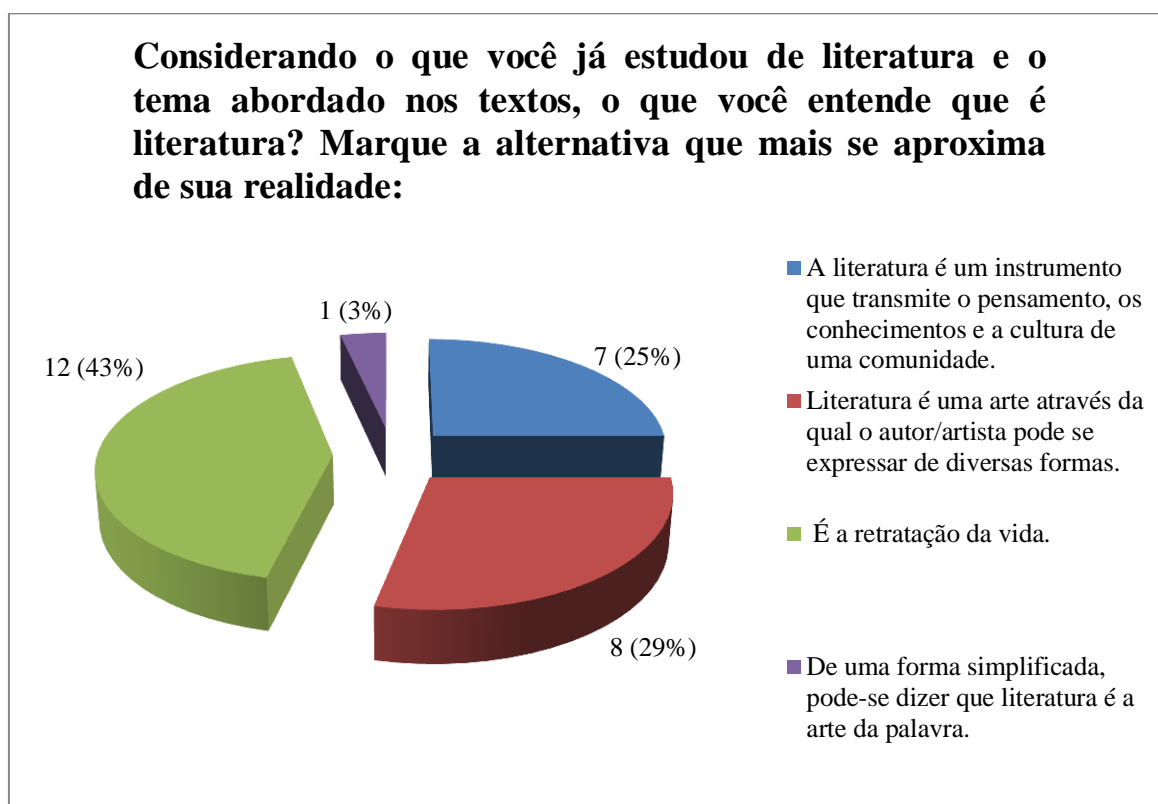


Gráfico 2 - Segunda pergunta do questionário feito aos estudantes da E.E. Deusolina.Salles Farias.

Assim, constatou-se que a maioria dos estudantes consultados identifica a literatura como sendo a retratação da vida (43%), enquanto houve muita proximidade no que tange ao entendimento da literatura enquanto discurso de ordem individual (alternativa “b”, com 29%) ou de ordem sociocultural (alternativa “a”, com 25%). Em suma, pode-se considerar que, apesar do expressivo entendimento da arte literária enquanto *mimesis*, 54% dos estudantes consultados entendem a literatura enquanto discurso – na medida em que transmite pensamento e conhecimento, em que expressa algo e, com isso, produz efeitos que ajudam na construção e conformação da realidade individual – a diferenciação estando apenas no entendimento da abrangência desse discurso, se enquanto algo que parte do indivíduo – como se o mesmo estivesse isolado dentro do ou de algum ambiente sociocultural – ou de toda uma comunidade com seus próprios costumes e valores, os quais poderão estar impregnados na produção do autor (assim dando margem para a existência das produções regionalistas, como a literatura amazônica e a literatura gauchesca dentro da literatura brasileira, por exemplo).

2.1.3 QUESTÃO TRÊS

A terceira questão, por sua vez, indagava o que o estudante entendia por literatura erótica e por literatura pornográfica:

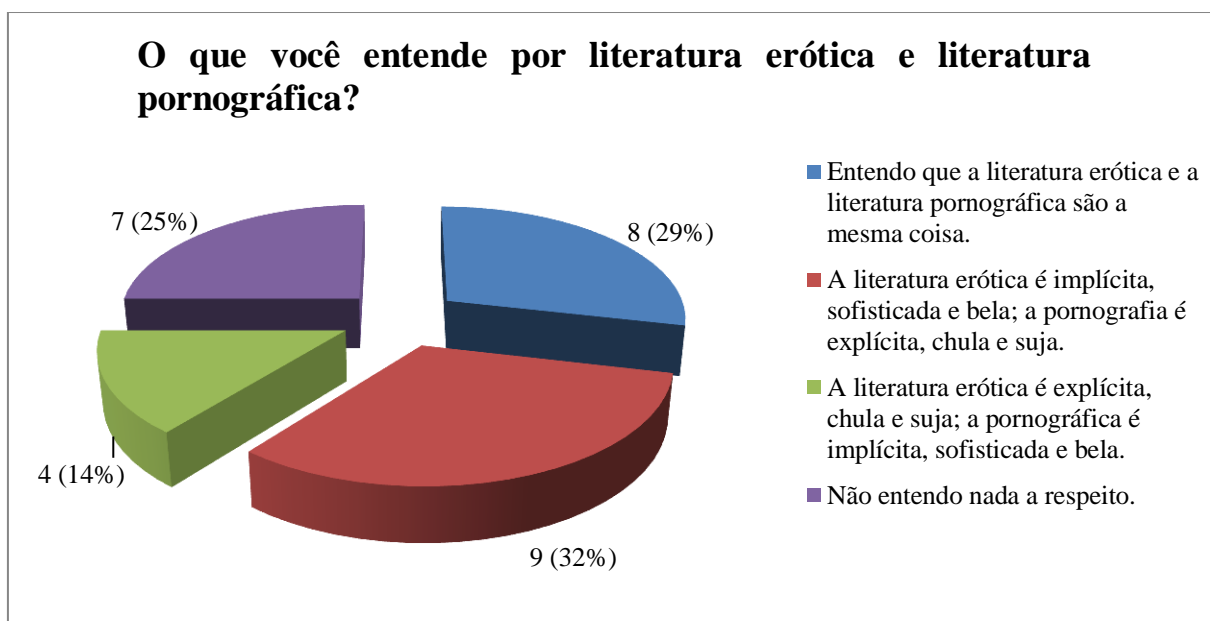


Gráfico 3 - Terceira pergunta do questionário feito aos estudantes da E.E. Deusolina.Salles Farias.

A partir dos dados coletados, pode-se perceber que há um entendimento acertado, isto é, de acordo com os conceitos apresentados neste trabalho, dos estudantes no que diz respeito à literatura erótica (implícita, sofisticada e bela) e à literatura pornográfica (explícita, chula e suja). Entretanto, esse entendimento (alternativa “b”, com 32%) divide muito espaço com a visão de que ambas as literaturas sejam a mesma coisa (alternativa “a”, com 29%) e com o desconhecimento a respeito do tema (alternativa “c”, com 25%), pois a distância daqueles para estes é de, respectivamente, 01 (um) e de 02 (dois) alunos.

Já a confusão existente entre as duas literaturas se mostra menor que o desconhecimento acerca delas, sendo a expressividade dessa ignorância (correspondente a 1/3 da turma) mais preocupante que tal confusão em si (equivalente a 1/7 da turma).

2.1.4 QUESTÃO QUATRO

A quarta questão buscou averiguar a possibilidade de se utilizar a literatura erótica em sala de aula, sendo feitas as devidas considerações acerca da forma na qual ela e a literatura pornográfica se apresentam, bem como esclarecendo que os textos presentes no questionário são pertencentes à literatura erótica:

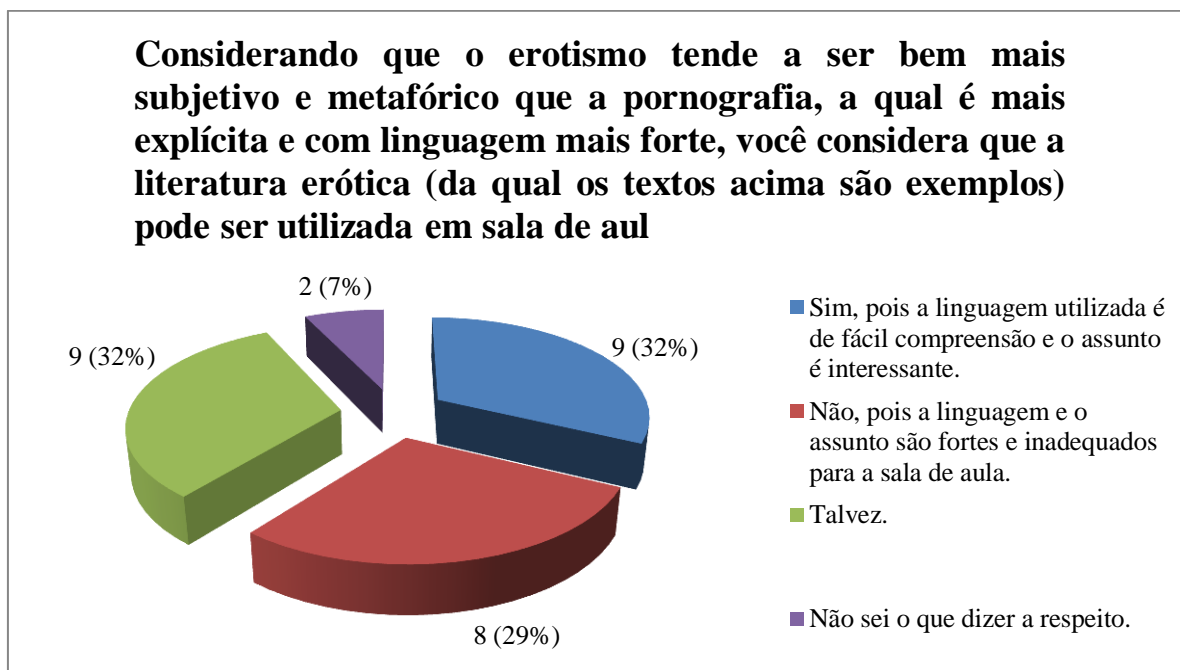


Gráfico 4 - Quarta pergunta do questionário feito aos estudantes da E.E. Deusolina.Salles Farias.

Como o gráfico acima demonstra, houve um empate entre os estudantes, suas opiniões a respeito do tema sendo muito divididas (32% para cada uma) entre a alternativa “a”, a qual apresenta positividade quanto à utilização da literatura erótica na sala de aula, e a “c”, a qual apresentava incerteza quanto a isso. Logo atrás dessas respostas, com 29%, ou seja, havendo a diferença de apenas 01 (um) aluno, vem a alternativa “b”, negativa quanto à utilização da literatura erótica em sala de aula.

Deve-se ressaltar que, mesmo considerando-se a forma em que a literatura erótica se apresenta – subjetiva e metafórica, não sendo explícita e forte como a literatura pornográfica – e o esclarecimento a respeito dos textos presentes no questionário – ambos eróticos – o percentual de estudantes que assinalou a alternativa “b” levanta o seguinte questionamento: ou os estudantes que assinalaram tal alternativa realmente pensam que o assunto e a linguagem são fortes e inadequados para a sala de aula ou houve alguma incompreensão quanto ao comando da questão 4.

2.1.5 QUESTÃO CINCO

Por fim, a quinta e última questão indagava sobre a opinião dos estudantes acerca dos possíveis benefícios da literatura erótica para o processo de aprendizados deles, diferenciando-se das quatro questões anteriores por ter apenas três alternativas, duas positivas diferenciadas entre si e uma negativa:

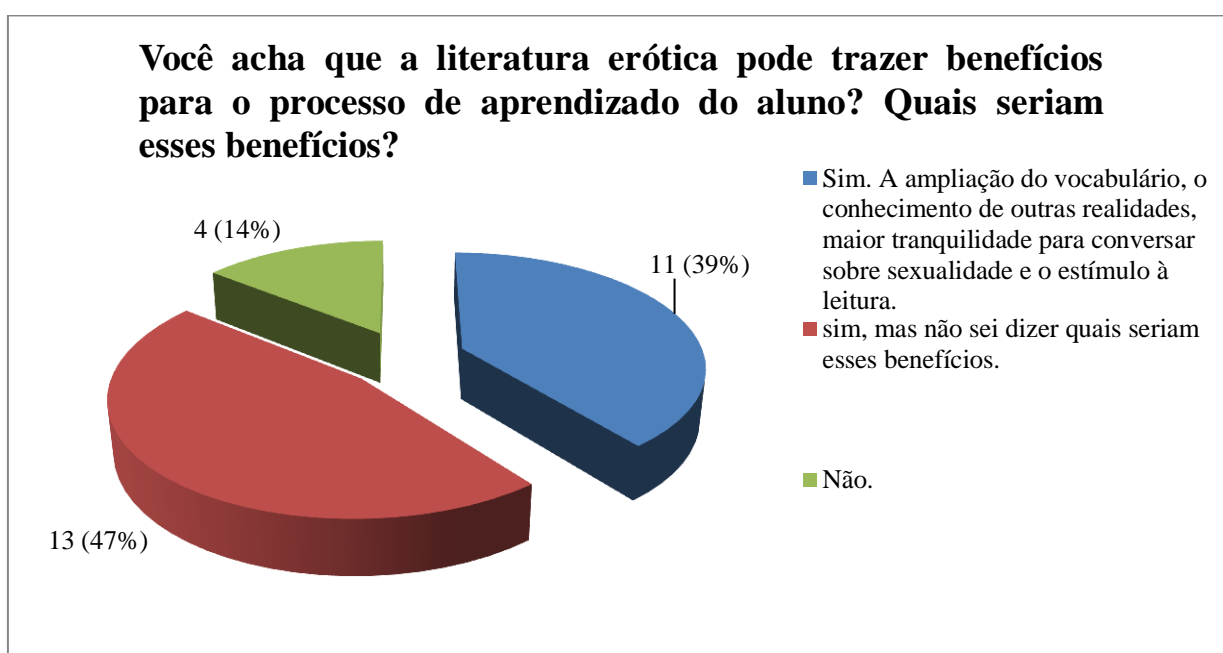


Gráfico 5 - Quinta pergunta do questionário feito aos estudantes da E.E. Deusolina.Salles Farias.

O resultado obtido com essa questão demonstra uma esmagadora aceitabilidade por parte dos estudantes, totalizando 86% da turma consultada, sendo essa porcentagem dividida entre aqueles que julgaram ser sim possível que a literatura traga benefícios específicos – como a ampliação do vocabulário, o conhecimento de outras realidades, a maior tranquilidade para conversar sobre sexualidade e o estímulo à leitura (alternativa “a”, com 39%) – e aqueles que pensam que benefícios sejam possíveis, mas não que não sabem dizer quais seriam eles (alternativa “b”, com 47%). Apenas 14% dos estudantes consultados julgaram que a literatura erótica não possa trazer benefícios para o processo de aprendizado do aluno.

2.2 ANÁLISE GERAL DOS DADOS DA ESCOLA MUNICIPAL DEUSOLINA

Uma vez que todas as questões foram isoladamente analisadas, é possível analisar os dados obtidos de uma maneira geral, combinando os resultados das questões auferidas.

Assim, considerando que 57% dos estudantes associou os textos apresentados à sua própria realidade e que 54% entendem a literatura enquanto discurso – apenas dividindo-se no que diz respeito à dimensão desse discurso, havendo um amplo contato com os termos “literatura erótica” e “literatura pornográfica” (75% dos estudantes consultados), contato esse que se divide entre a indistinção (29%), o correto entendimento (32%) e a confusão (14%) dos conceitos, bem como a esmagadora concordância (86%) dos alunos quanto à possibilidade de o seu aprendizado ser beneficiado pela utilização da literatura erótica, apesar de suas opiniões serem muito divididas quanto à utilização dessa mesma literatura em sala de aula, pode-se concluir que há um terreno propício para a aplicação nas salas de aula do Ensino Fundamental do objeto aqui estudado.

Entretanto, algumas considerações precisam ser feitas, como, por exemplo, quanto ao inquietante questionamento de que na questão 04 (quatro), ou os estudantes que assinalaram a alternativa ‘b’ realmente pensam que o assunto e a linguagem são fortes e inadequados para a sala de aula ou houve alguma incompreensão quanto ao comando da questão?.

Antes de adentrarmos na resolução para este questionamento, deve-se ressaltar que ele é inquietando por ser a questão 04 (quatro) a pergunta-chave do questionário, uma vez que indaga aos principais interessados acerca do objeto aqui estudado. Assim, toda a análise geral que se segue partirá da análise dessa questão específica.

2.2.1 RESPONDENDO A UM INQUIETANTE QUESTIONAMENTO

Ao revisar os gráficos, notou-se que, coincidentemente, o quantitativo de alunos que assinalou a alternativa “b” da quarta questão foi o mesmo que assinalou a alternativa “a” da terceira questão (entendo que a literatura erótica e a literatura pornográfica são a mesma coisa), isto é, 08 (oito), correspondendo a 29%. Com isso, outro questionamento surge: seriam os mesmos oito alunos?

A resposta é negativa, porém esclarecedora, pois, ao revisar os questionários, verificou-se que, desses 08 (oito) estudantes, 03 (três) entendem a literatura erótica e a literatura pornográfica como sendo a mesma coisa (indistinção), enquanto 01 (um) vê a literatura erótica em acertada contraposição à literatura pornográfica (implícita, sofisticada e bela x explícita, chula e suja); outros 03 (três) veem a literatura erótica em equivocada contraposição à literatura pornográfica (explícita, chula e suja x implícita, sofisticada e bela). Por fim, apenas 01 (um) deles afirmou não entender nada a respeito. Ou seja, 07 (sete) desses 08 (oito) alunos não sabem diferenciar a literatura erótica da pornográfica.

Somando-se a isso o fato de que, desses 08 (oito) alunos, 05 (cinco) também assinalaram a alternativa “b” da questão 01 (são textos de linguagem difícil e cuja temática se relaciona com a minha realidade), enquanto 01 (um) assinalou a alternativa “a” (são textos de linguagem difícil e cuja temática não se relaciona com a minha realidade), tem-se que 06 (seis) deles consideraram difícil a linguagem dos textos apresentados no questionário.

Diante disso, percebe-se que o entendimento de 29% dos alunos de que a literatura erótica não poderia ser ensinada em sala de aula por ter linguagem e assunto fortes e inadequados para o ambiente se justificam pelo desconhecimento acerca do assunto e pela indistinção ou confusão a respeito das literaturas, bem como pela dificuldade de compreender a linguagem dos textos apresentados.

Irônica ou contraditoriamente, dentre esses mesmos 08 (oito) alunos, 05 (cinco) concordam que a literatura erótica pode trazer benefícios para o processo de aprendizagem do aluno, não sabendo dizer quais seriam esses benefícios. Daí se conclui que, ou não houve leitura/entendimento do questionário ou há o pensamento de que a literatura erótica pode ser utilizada somente para o aprendizado extraclasse.

Outro dado curioso é que, dentre esses mesmos alunos, o único que soube diferenciar a literatura erótica da literatura pornográfica – e que também assinalou que a linguagem dos textos apresentados é fácil e que a temática deles se relaciona com a realidade dele – foi

também o único desses 08 (oito) a assinalar, na quinta questão, que a literatura erótica não pode trazer benefícios para o processo de aprendizado do aluno.

2.2.2 O FATOR SEXO

Até aqui a pergunta-chave do questionário fora analisada a partir da alternativa “b”, mas igual ou mais curioso é o fato de as alternativas “a” e “c” terem obtido o mesmo resultado, 09 (nove) estudantes optando por elas. Entretanto, nesta seção terciária, ao serem analisados os dados destas duas alternativas, também será levantado um fator importante não mencionado na seção terciária anterior: o sexo dos questionados.

Assim, todos os 08 (oito) estudantes que assinalaram a alternativa “b” da quarta questão são do sexo masculino – apesar de um deles não ter se identificado, havia na classe apenas 10 (dez) mulheres e todas se identificaram no questionário –, ao passo que, dos 09 (nove) que assinalaram a alternativa “c” (talvez), 04 (quatro) são do sexo feminino e 05 (cinco) do sexo masculino. Quanto aos 09 (nove) que assinalaram a alternativa “a” (sim), 06 (seis) pertencem ao sexo feminino e 03 (três) ao masculino.

Disto pode-se concluir que a receptividade feminina quanto à aceitação da literatura erótica em sala de aula é muito maior que a masculina, isso provavelmente sendo um eco da liberação sexual feminina cada vez mais presente na sociedade ocidental. Entretanto, não se deve ver na recusa masculina uma atitude machista, sendo muito mais provável que ela se justifique por uma perda do caráter proibitivo e, portanto, divertido da literatura erótica, considerando o contato dos alunos com o assunto (apenas 1/3 alegando não entender nada a respeito) e os índices de indistinção (29%) e confusão (14%) dela em relação à literatura pornográfica, bem como um possível entendimento de que a transposição de um assunto para a sala de aula venha a torná-lo algo tão desinteressante quanto a disciplina que o aluno considere mais entediante.

2.2.3 A VISÃO DOS PROFESSORES

Mais do que questionar aos estudantes sobre o objeto de estudo e sua possível utilização em sala de aula, a pesquisa também pretendia questionar os professores dos mesmos, sendo que, conforme explicado no começo desta seção, somente uma turma de uma das escolas eleitas fora averiguada, de modo que, conseqüentemente, apenas um professor pode ser indagado.

O questionário aplicado à professora de Língua Portuguesa e Literatura da turma 711 da Escola Estadual Deusolina Salles Farias fora o mesmo aplicado aos estudantes dela, porém, fora dada a ela a liberdade para fazer observações quanto às perguntas e às alternativas. Tais observações encontram-se entre aspas na descrição, que se segue, do questionário por ela respondido.

Assim, na primeira questão, a professora julgou os textos presentes no questionário como sendo de linguagem fácil, observando que a temática se relaciona não somente à realidade dela como “à de qualquer pessoa”.

Na segunda, julgou que as alternativas “b” (literatura é uma arte através da qual o autor/artista pode se expressar de diversas formas) e “d” (De uma forma simplificada, pode-se dizer que literatura é a arte da palavra) são mutuamente complementares, enquanto que, na terceira questão, demonstrou ter conhecimento acerca da distinção entre literatura erótica e literatura pornográfica, assinalando a alternativa “b”.

Na quarta questão, assinalou a alternativa “a”, ou seja, ela julga que sim, que seja possível utilizar a literatura erótica em sala de aula, observando que a linguagem é de fácil compreensão “apesar da subjetividade ou da ausência desta”, bem como que o assunto é interessante e que “é necessária a compreensão adequada e aplicada à vida”.

Quanto à possibilidade de a literatura erótica trazer benefícios para o processo de aprendizado do aluno (quinta questão), a professora pensa ser isso possível sim, assinalando a alternativa “a” e não fazendo observações a respeito, de modo que ela concorda integralmente com a proposta de que tais benefícios sejam a ampliação do vocabulário, o conhecimento de outras realidades, a maior tranquilidade para conversar sobre a sexualidade e o estímulo à leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode auferir de toda essa experiência é que, primeiramente, os entendimentos acerca das coisas mudam conforme a passagem do tempo, de modo que o que foi considerado pornográfico séculos ou décadas atrás hoje pode não mais ser visto assim, o mesmo valendo para coisas consideradas eróticas.

Em segundo lugar, pôde ser percebido que, se por um lado há um protecionismo por parte da escola particular no que tange ao trabalho de assuntos como a literatura erótica em sala de aula, pois, conforme as palavras da coordenadora pedagógica que atendeu ao grupo, “muitos pais matriculam os seus filhos em escolas particulares não para que seja feito tudo de

forma tão livre ao ponto de eles não serem consultados a respeito; na vez em que um trabalho semelhante, envolvendo o assunto sexualidade, fora feito, todos eles sendo notificados”, julgando-se ser tal assunto mais adequado ao Ensino Médio, por outro é possível perceber uma maior compreensão a respeito da importância de se trabalhar com um tema que não deveria ser visto com tanta polêmica, uma vez que, como a professora de Língua Portuguesa e Literatura da turma 711 da Escola Estadual Deusolina Salles Farias observou, o assunto tratado pela literatura erótica se relaciona com a realidade de qualquer pessoa.

Por fim, compreende-se que, apesar de verificar-se a existência de espaço propício para a utilização da literatura erótica em sala de aula, este estudo está longe de ser dado por encerrado, sendo apenas o começo de algo maior, pois a simples constatação da existência de barreiras, bem como de múltiplos fatores a serem levados em conta e a serem analisados muito mais minuciosamente e à luz de perspectivas várias faz com que se queira dar continuidade à pesquisa a fim de se poder contribuir para a despreconceituação da literatura erótica, para o fomento à leitura (e, por extensão, à produção textual), para que a discussão em torno da sexualidade deixe de ser vista como tabu e passe a ter a sua dimensão sanitária verdadeiramente compreendida e para o aprimoramento da escola e da sociedade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Orientação Sexual Terceiro e Quarto Ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>

CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; RODRIGUES, Eduardo Alves. O discurso literário e suas questões: Guimarães Rosa interroga a arte ficcional. In: **Revista de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. v.9. n.1. p143-156. jan/jun 2013. Disponível em:
<<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/viewFile/3543/2346>>

DEL PRIORI, Mary. **Histórias íntimas:** sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011. 254p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: A vontade de saber.** Tradução: ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa; ALBUQUERQUE, J.A. Guilhon. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. 153p.

_____. **A história da sexualidade 2: O uso dos prazeres.** Tradução: ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 232p.

_____. **A história da sexualidade 3: O cuidado de si.** Tradução: ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa. 8 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. 246p.

_____. **Microfísica do poder.** Organização e tradução: MACHADO, Roberto. 4 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. 173p.

HOUAISS, A. Villar, M.S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** 17 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Brasiliense

LÉVY, Ann-Deborah. Eros. In: BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários.** Tradução: SUSSEKIND, Carlos et al. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p319-324.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** Tradução: MARCIONILO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 134p.

MULLER, Laura. **Educação sexual em 8 lições: Como orientar da infância à adolescência: um guia para professores e pais.** São Paulo: Academia do Livro, 2013. 135p.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos.** 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007. 100p.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária.** 7 ed. 8 reimpressão. São Paulo: Ática, 2007. 88p.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

Escola: _____

Nome (opcional): _____ Idade: _____

Série/turma: _____

Por favor, leia o poema e o conto abaixo e responda ao questionário que segue após eles.

ENTRANHAS

(Carla Nobre)

Quando tu me enfiás
Toda a tua vida

É como se eu
Me perdesse
Do tempo e
Do solo

Tu me enfiás
E eu me escancaro
Completa e inteira

Como bruxa moderna
Saboreando liberdade

O ESOSO COMPLACENTE

(Conto de Marquês de Sade. Linguagem adaptada)

Toda a França sabia que o príncipe de Bauffremont tinha mais ou menos as mesmas preferências do cardeal de quem acabo de falar. Haviam dado a ele em matrimônio uma mocinha bastante inexperiente, e que, segundo era costume, só foi instruída às vésperas.

- Sem mais explicações, - diz a mãe - já que a decência não me permite dar mais detalhes, tenho uma única coisa a recomendar para ti, minha filha: desconfie das primeiras propostas que o teu marido te fizer, e diga a ele, veemente: “Não, senhor, não é por aí que se

aborda uma mulher honesta; *em qualquer outro lugar que vos agrade, mas, certamente, aí não...*”

Assim, eles vão ao leito e, por uma norma do decoro e da honestidade sem margem para dúvida, o príncipe, querendo fazer as coisas de acordo com os costumes, ao menos pela primeira vez, oferece à sua mulher apenas os castos prazeres do himeneu¹: mas a jovem bem educada, lembrando de sua lição, diz:

- Por quem o senhor me toma? – disse ela – você pensa que eu concordaria com essas coisas? *Em qualquer lugar que vos agrade, mas, certamente, aí não...*

- Mas senhora...

- Não, é inútil a tua insistência, nunca você conseguirá mudar minha opinião.

- Pois bem senhora, devo então contentar-te, – diz o príncipe, apropriando-se de seus altares preferidos - eu ficaria bem zangado se dissessem que alguma vez eu quis desagradar você.

E venham nos dizer agora que não é necessário instruir as moças quanto às obrigações delas, um dia, para com seus maridos!

¹ A expressão “prazeres do himeneu” se refere à forma tradicional do ato sexual.

QUESTIONÁRIO

1. Após a leitura dos textos acima, assinale a alternativa que está mais próxima do que você entendeu sobre os textos:

- a) () São textos de linguagem difícil e cuja temática não se relaciona com a minha realidade.
- b) () São textos de linguagem difícil e cuja temática se relaciona com a minha realidade.
- c) () São textos de linguagem fácil e cuja temática não se relaciona com a minha realidade.
- d) () São textos de linguagem fácil e cuja temática se relacionam com a minha realidade.

2. Considerando o que você já estudou de literatura e o tema abordado nos textos, o que você entende que é literatura? Marque a alternativa que mais se aproxima da sua realidade:

- a) () A Literatura é um instrumento que transmite o pensamento, os conhecimentos e a cultura de uma comunidade.
- b) () Literatura é uma arte através da qual o autor/artista pode se expressar de diversas formas.
- c) () É a retratação da vida.
- d) () De uma forma simplificada, pode-se dizer que literatura é a arte da palavra.

3. O que você entende por literatura erótica e literatura pornográfica?

- a) () Entendo que a literatura erótica e a literatura pornográfica são a mesma coisa.
- b) () A literatura erótica é implícita, sofisticada e bela; a pornográfica é explícita, chula e suja.
- c) () A literatura erótica é explícita, chula e suja; a pornográfica é implícita, sofisticada e bela.
- d) () Não entendo nada a respeito.

4. Considerando que o erotismo tende a ser bem mais subjetivo e metafórico que a pornografia, a qual é mais explícita e com linguagem mais forte, você considera que a literatura erótica (da qual os textos acima são exemplos) pode ser utilizada em sala de aula?

- a) () Sim, pois a linguagem utilizada é de fácil compreensão e o assunto é interessante.
- b) () Não, pois a linguagem e o assunto são fortes e inadequados para a sala de aula.
- c) () Talvez.
- d) () Não sei o que dizer a respeito.

5. Você acha que a literatura erótica pode trazer benefícios para o processo de aprendizado do aluno? Quais seriam esses benefícios?

a) () Sim. A ampliação do vocabulário, o conhecimento de outras realidades, maior tranquilidade para conversar sobre a sexualidade e o estímulo à leitura.

b) () Sim, mas não sei dizer quais seriam esses benefícios.

c) () Não.